

PRAÇAS (des)Encontros cartografados e seus modos de ocupar

SQUARES
(mis)Encounters and their modes of occupation

André Augusto Araújo Oliveira¹,
Gerlan da Silva Menegusse², Isabella Santos³ e Renato Kinker⁴

Resumo

A ocupação do espaço como ato de resistência no geral são respostas às falhas sociais. As praças, consideradas tradicionalmente como espaços públicos destinados à convivência e ao lazer, assumem, em algumas situações, um papel complexo como espaços de resistência e manifestação dos mais diversos agentes. Como foco de observação para este estudo, foram selecionadas praças localizadas em diferentes cidades do país, à exemplo: Vitória-ES; Suzano-SP; Salvador-BA e São Paulo-SP. Utilizamos a cartografia como tessitura de nossas reflexões entre o que nós vimos e como se dá a participação dos vários agentes envolvidos e observados. Ao explorar o que é transversal nas quatro praças, o estudo se propôs a compreender e discutir de forma crítica e sensibilizada como elementos de controle interferem para que novos caminhos e possibilidades surjam a partir da abordagem mais-que-humana, fundamentadas em novas narrativas e introduzindo novos mundos mais solidários.

Palavras-chave: ocupação, praça, cartografia, percurso narrativo, controle.

1 Assistente Social. Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL. Doutorando pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Paulo (IAUUSP). Temas: Desigualdade Social; Política de Habitação de Interesse Social, Direito à Cidade; Estudos territoriais com práticas antirracistas. Integra o Núcleo Salvador da Rede BrCidades.

2 Arquiteto e Urbanista. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo e integra o Laboratório de Planejamento e Projetos – LPP/UFES – Grupo de Pesquisa Reabilitação Urbana e Ambiental. Temas: Mobilidade Urbana; Desigualdades Socioespaciais; Mobilidade por bicicleta; SIG e Sintaxe Espacial.

3 Bacharela em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012), Pós-graduada em Relações Étnico Raciais e Sociedade pela Faculdades Integradas Campos Salles (2016), Mestrando do Programa de Pós-graduação em Turismo EACH-USP, bolsista Demanda Social CAPES. Temas: interesse nos assuntos relativos ao turismo, memórias e tradições de matriz africana, urbanidades e patrimônio. Atualmente coordena o projeto de cartografia afetiva e de memórias negras na cidade de São Paulo e integra o Grupo de Pesquisa Mobilidades e Turismo (MobTur) - da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Idealizadora do Projeto Sampa Negra.

4 Arquiteto e Urbanista, Doutorando no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – IAU/USP. Mestre em tecnologia da Habitação pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo – IPT e Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UPM, Temas: Sistemas e tecnologias construtivas, sustentabilidade, mudanças climáticas, habitação, projeto, gestão e planejamento. E-mail: renato.kinker@mackenzie.br.

Abstract

The occupation of space as an act of resistance, in general, constitutes responses to social failures. Squares, traditionally considered as public spaces for socializing and leisure, assume, in certain situations, a complex role as spaces of resistance and expression for various actors. As the focus of observation for this study, squares located in different cities across the country were selected, such as Vitória-ES, Suzano-SP, Salvador-BA, and São Paulo-SP. We used cartography as the framework for our reflections on what we observed and how the various agents involved and observed participate. By exploring what is cross-cutting in the four squares, the study aimed to critically and sensitively understand and discuss how elements of control impact so that new paths and possibilities emerge from the more-than-human approach, grounded in new narratives and introducing new, more compassionate worlds.

Keywords: occupation, square, cartography, narrative journey, control.

Introdução

Este trabalho é fruto de muitos encontros. Encontros de olhares e perspectivas, encontro de afetos, de sensações, de conflitos, de camadas sobrepostas, encontro de pessoas com o lugar observado, neste caso, a praça.

As praças, consideradas tradicionalmente como espaços públicos destinados à convivência e ao lazer, assumem, em algumas situações, um papel complexo como espaços de resistência e manifestação dos mais diversos agentes.

De um lado, é crucial abordar esses espaços com uma perspectiva *mais-que-humana*, que desafia o antropocentrismo, a tendência de considerar os interesses e valores humanos como superiores ou mais importantes do que os de outras entidades não humanas. Conforme observado por Wolch (1998) na teoria dominante a urbanização transforma terras vazias para produzir terras melhoradas. Tal linguagem é perversa uma vez que as terras selvagens não estão vazias, mas repletas de vida não humana.

Essa visão mais holística reconhece que fazemos parte de um ecossistema complexo e interconectado no qual humanos, não humanos e outras entidades coexistem e interagem de maneiras intrincadas. As teorias e métodos mais-que-humanos buscam dissolver categorias binárias, reconhecendo as agências e dinamismo dos não humanos, como plantas, animais, tecnologias, além de destacar os encontros sociais transespécies no cotidiano.

Por outro lado, compreendendo que as praças também são espaços de resistência para comunidades que buscam preservar suas identidades culturais e expressar suas demandas. Manifestações artísticas, eventos culturais e assembleias populares frequentemente ocorrem nesses locais, transformando-os centros de resistência cívica.

A ocupação do espaço como ato de resistência no geral são respostas às falhas sociais. Tittoni e Tietboehl (2020) citam a variedade de ocupações, seja no âmbito da resposta à desigualdade social pela ocupação de bens privados e estatais abandonados que não atendem à sua função social, ou a ocupação do espaço público pelo novo comportamento que surgiu como resposta à crise econômica de 2008 instalada no núcleo do sistema capitalista.

A convergência dessas diferentes formas de ocupação revela-se como uma dança complexa e interconectada, onde humanos, natureza, arquitetura e elementos urbanos se entrelaçam para criar um tecido vibrante de experiências e interações.

Utilizamos a cartografia como tessitura de nossas reflexões entre o que nós vemos e como se dá a participação dos vários agentes envolvidos e observados. A abordagem que escolhemos para tecer este percurso é a narrativa e a observação.

É importante ressaltar que a cartografia surge do diálogo entre Gilles Deleuze e Michel Foucault com sua origem na tradição nietzschiana. Desta forma, à luz de Fonseca e Kirst (2003) na cartografia está disponível o registro do acompanhamento das transformações, da captura de intensidades, decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado.

Neste contexto, para Kastrup (2016) a cartografia é entendida como um processo que vai além da mera observação distanciada, envolvendo a pesquisa-intervenção como um meio de investigação e produção de realidade. Ao cartografar, o pesquisador está imerso no campo, sendo afetado por ele e produzindo afetos, enquanto também atua como um emissor de signos, influenciado pelo contexto em que se insere.

Sendo assim, ao trabalharmos com a cartografia como uma ferramenta de investigação e produção da realidade, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa que vai além da simples representação cartográfica. Essa abordagem nos permite capturar e representar através de um olhar mobilizado as interações, conexões, conflitos e dinâmicas dos diversos agentes envolvidos.

Neste sentido, se nós nos desvinculamos dos aparatos tecnológicos de localização atuais, *gps*, *google maps* e outros, conservando como bússola a narrativa e a observação do lugar, neste caso, a praça, como sujeito maior e *humanos* e *não humanos* como sujeitos menores de disputa no território, encontramos mapas que comparados com os atuais, apresentariam outras relações de escala e de abstração.

Olhar a praça, também é ser olhado por ela. A praça nos observa, nos lê assim como fazemos com ela própria. Aqui, somos o sujeito observador e o sujeito observado assim como a praça, esta que se encontra na Bahia, em São Paulo e em Vitória do Espírito Santo.

O objetivo do estudo é encontrar a partir do método cartográfico/percurso narrativo, elementos que atravessam e se fazem presentes de modo abrangente nas quatro praças observadas. Tais elementos podem apresentar padrões de controle, esquadramento e limitação que se manifestam em comum nas diferentes praças estudadas, independente das particularidades de cada uma delas.

Ao explorar o que é transversal nas quatro praças, o estudo se propõe a compreender e discutir de forma crítica e sensibilizada como elementos de controle interferem para que novos caminhos e possibilidades surjam a partir da abordagem mais-que-humana, fundamentadas em novas narrativas e introduzindo novos mundos mais solidários.

Praças: cartografia de (des)encontros

Praça Costa Pereira

A Praça Costa Pereira está localizada na centralidade mais antiga do aglomerado urbano da Grande Vitória. Este território, foi fundado em 1551 sendo originalmente intitulado Vila de Vitória, certamente o assentamento urbano mais antigo do estado, antes do processo de espraiamento na região que hoje faz parte da capital capixaba.

No local onde está localizada a praça havia uma pequena praia e próxima a esta uma igreja reverenciava Nossa Senhora da Conceição. Com o tempo, a terra foi moldada por aterros, e a área passou a ser conhecida como Largo da Conceição. Como parte das mudanças urbanas, a igreja cedeu espaço para a construção do Teatro que ainda faz parte da atual composição junto à praça. Passou então a ser conhecida como Largo do Teatro.

Considerada o coração do Centro Histórico de Vitória e lugar dos mais diversos encontros e acontecimentos na região central, a Praça Costa Pereira é o espaço que sempre acolheu inúmeras manifestações culturais, lutas e reivindicações do povo, dos comerciantes e ambulantes, dos vendedores de comida e dos feirantes, dos pedintes e igualmente a força resiliente daqueles que vivem em situação de rua. Estes últimos de fato, entre os cantos e recantos da praça encontram seu refúgio, uma pausa no turbilhão de desafios que enfrentam diariamente.

Praça João Pessoa

A praça João Pessoa é uma das diversas praças do município de Suzano, na região metropolitana de São Paulo, que tem uma população de pouco mais de 307 mil habitantes (IBGE, 2022). Ela está localizada no centro, bem próxima a estação de trem e concentração de serviços à população.

Na praça está a Paróquia São Sebastião, elevada à essa categoria em 1940, que conta com um salão paroquial onde funciona um grande brechó e a central de câmeras de segurança da Guarda Municipal de Suzano. Assim como outros municípios próximos, a narrativa oficial da cidade ainda circunda pelas feitas dos jesuítas e do período colonial, que aos poucos têm sido revisitadas por grupos que objetivam desvelar sua historicidade de forma contra hegemônica.

Praça da Piedade

Localizada no Centro histórico da cidade de Salvador/BA, é uma das praças mais antigas, nos tempos iniciais de fundação da cidade de São Salvador da Baía de Todos os Santos, a praça foi uma aldeia de Tupinambás.

Nesta praça, antes chamada de Largo da Piedade, em 1799 foram enforcados os revoltosos da Conjuração Baiana, Revolta dos Búzios ou ainda Revolta dos Alfaiates, movimento emancipatório ocorrido no final do século XVIII (1798-1799). Logo, a praça historicamente é palco de apagamento identitário, se no passado de um dos movimentos mais importantes de nossa história, a aproximadamente 224 anos, hoje de uma população completamente invisibilizada e excluída.

A praça também já foi chamada de 13 de maio e, atualmente é reconhecida corriqueiramente como praça dos aposentados.

Praça da Sé

Centro geográfico da cidade de São Paulo, onde se encontra o marco zero, a Praça da Sé ocupa o lugar original de aldeias indígenas, e se desenvolveu a partir da construção da Igreja da Matriz iniciada em 1589. Em 1745 a igreja foi substituída por uma nova construção em estilo barroco e em 1954 inaugurada a Catedral da Sé em estilo eclético com predominância neogótica.

Figura 1 - Praça Costa Pereira. Elaboração: "Os autores", 2023.



A presença de mobilidade com a chegada do metrô em 1978, traz à praça a característica de lugar de passagem, já que a estação tem capacidade para 100 mil passageiros por hora. Devido a obra do metrô e a demolição de toda a quadra José Eduardo de Assis Lefèvre desenvolveu o projeto paisagístico para a praça que segue até hoje, apesar de sofrer alterações em uma reforma em 2006.

Durante sua história a praça recebeu várias manifestações políticas e no dia a dia, mantém a característica de um lugar muito movimentado, por ser uma centralidade de mobilidade, além da presença de pessoas em situação de rua. Junto à praça, se encontra o Palácio da Justiça e o Corpo de Bombeiros.

Cartografias narradas ou narrativas cartografadas das praças

Praça Costa Pereira

Para iniciar minha narrativa, apresento o percurso que realizei na Praça Costa Pereira, contextualizando minhas percepções enquanto observador dos diversos agentes e usos que estão presentes no local.

A praça, com o passar dos anos, assumiu um papel além de sua mera essência de ser um espaço de encontro, de passeio e de trânsito. São muitos os outros usos que estão postos, que se entrelaçam e se negociam constantemente. Para além disso, ao direcionar um olhar mais sensibilizado para a praça, torna-se evidente que uma variedade de formas de vida não humanas, ocupam esse território com um certo grau de influência ou controle por parte dos seres humanos.

Entre os diferentes modos de controle exercidos pelos seres humanos sobre os demais seres que lutam por seu espaço na praça, as árvores se destacam particularmente neste local. Embora algumas tenham sido posicionadas em pequenos canteiros, conforme a vontade de quem projetou o espaço, elas reinam soberanas, conferindo ao local uma beleza singular.



Figura 2 - Edifícios Institucionais no entorno da praça. Fonte: Google maps. Elaboração: "Os autores", 2023.

As árvores são grandes e frondosas, oferecendo frescor e sombra e protegendo as pessoas que, muitas vezes, negligenciam sua existência. Muitos buscam abrigo do sol na praça durante o dia. Na do Centro Histórico de Vitória, a praça é uma das poucas e escassas áreas verdes que ainda resistem na região. Para além disso, são abrigo para pequenos universos de outros pequenos seres que ali vivem: pássaros, insetos, plantas trepadeiras e fungos.

Outros modos de ocupação e resistência acontecem também entre os humanos no território. No esforço de garantir sua subsistência, diversas pessoas ocupam o espaço para trabalhar. São vendedores de toda sorte de alimentos, produtos e serviços, chaveiros, engraxates, cabeleireiros, músicos, artistas, ambulantes e pedintes que estão em constante negociação entre si para obter seu espaço no local. Por ser uma área de grande circulação de pessoas e também por conta da sombra proporcionada pelas árvores, torna-se um lugar desejável para permanência dos ambulantes e também dos pedintes. Além disso, o entorno da praça conta com uma variedade de equipamentos culturais e outros usos que fomentam a circulação na região, o Teatro Sesc Glória, o Teatro Carlos Gomes e o Triplex Vermelho Centro Cultural, a Catedral Metropolitana e a Rua Sete de Setembro com forte comércio local.

Por não ser um espaço próprio para comércio e serviço, os ambulantes precisam estar sempre atentos com o policiamento feito na região, que faz um controle do que pode utilizar do espaço da praça, além de manter os pedintes e demais pessoas em circulação de rua do alcance de quem circula e utiliza a praça.

É no percurso noturno que a praça (re)vela outras formas de ocupação do espaço bem distintas daquelas observadas durante o dia. A praça, conhecida pela forte circulação de pessoas e pela vivacidade que ela proporciona ao Centro de Vitória durante o dia, à noite se transforma em um local de desencontros e de permanência de pessoas em situação de rua que não são desejáveis pelos moradores da região e pelo restante dos usuários que frequentam a praça pela manhã.

Figura 3 - Percorso feito na Praça Costa Pereira. Elaboração: "Os autores", 2023.



Os moradores de rua circulam pela região do centro durante todo o dia em busca de alimento. É a noite que eles vão para a praça com seus objetos para buscar abrigo. O que mais me chamou atenção é que eles não se acomodam nas circulações da praça, buscando ocupar as áreas onde ficam a vegetação e também os bancos para colocar seus pertences.

Travesseiros, baldes, sacos de roupa, colchas, mantas, marmitas de comida e objetos de trabalho são os mais variados itens que demarcam essa apropriação do espaço. Entre os próprios moradores de rua, existe uma relação de confiança na qual ninguém mexe nos pertences de ninguém. Por conta da apropriação dos moradores de rua no local, a praça é tida como um local inseguro para se frequentar durante a noite. Um estigma que essas pessoas carregam por puro preconceito da sociedade que marginaliza ao invés de prestar um apoio e solidariedade para com essas pessoas que tentam sobreviver em meio ao descaso.

A partir de um olhar mobilizado pela abordagem mais-que-humanos para a Praça Costa Pereira, é possível compreender o quanto a praça representa mais do que um simples espaço de permanência e circulação de pessoas. Ela também é casa, é abrigo, é resistência de quem precisa do espaço para sobreviver, seja pela utilização do espaço para garantir seu ganha pão, seja por quem utiliza o espaço como casa durante à noite, ou por ser quem deseja retomar aquele espaço como seu por direito. É um constante conflito entre quem cria e controla o sistema determinando quem deve fazer uso do espaço e todos os demais que são marginalizados que, quando possível negociam essa apropriação e uso do local ou se revoltam e usam independente da aceitação de quem impõe o controle.

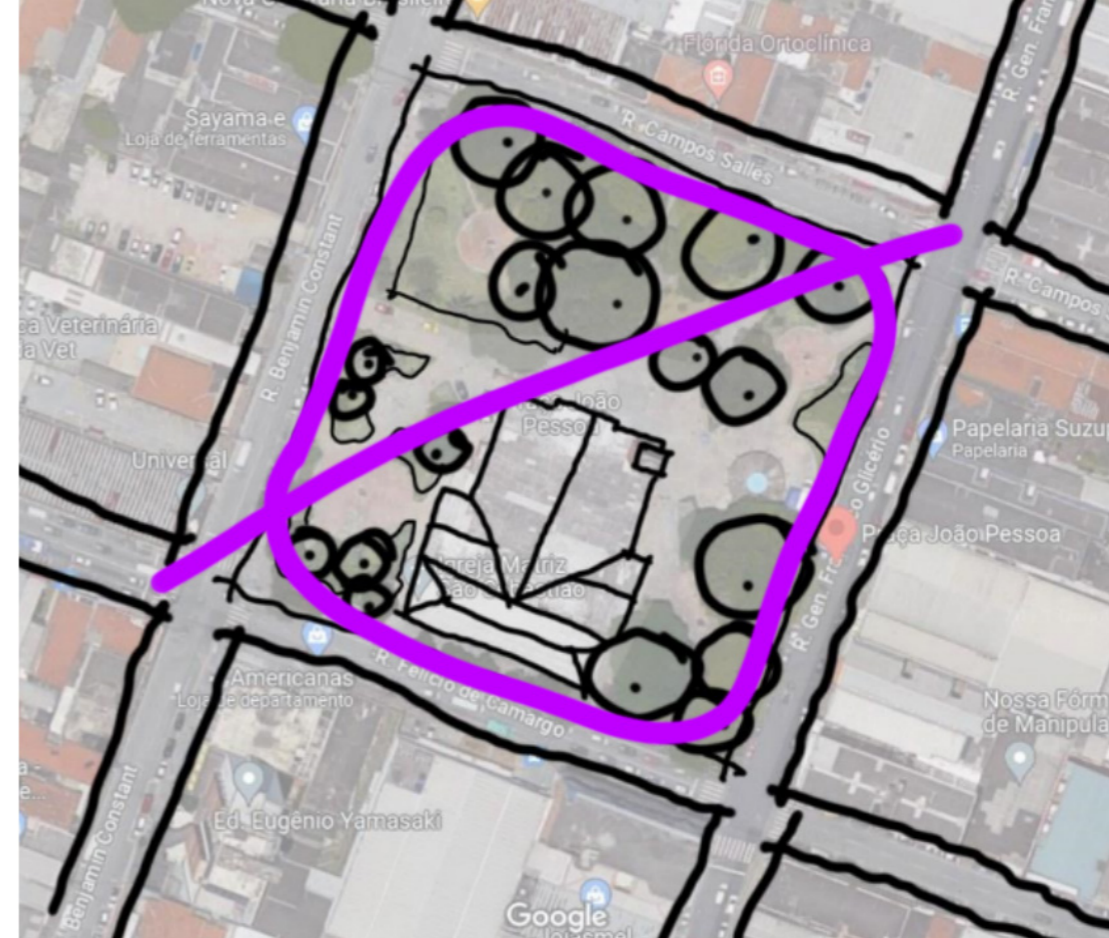


Figura 4 - Praça João Pessoa. Elaboração: "Os autores", 2023.

Praça João Pessoa

Entre tantas praças na região central de Suzano, cidade da grande São Paulo, escolhi a praça João Pessoa para encontrar-me com o que quer que ela poderia mostrar a mim e às leituras dos colegas de grupo - e à turma e professores.

Fui no intuito de abrir-me a ela para observar. E o fiz por duas noites.

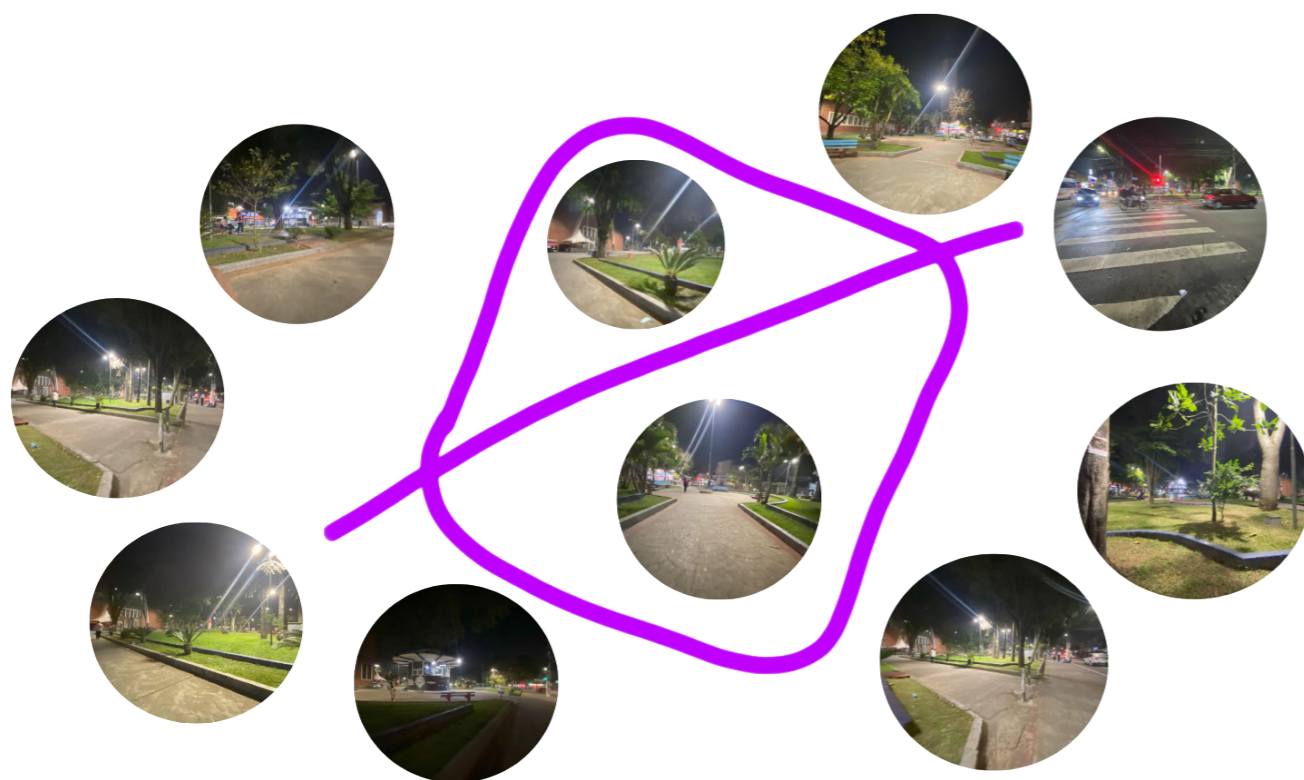
Na primeira, tive medo, hesitei andar por seus traços já calçados e aproveitei o movimento de pessoas ao seu redor para observar a distância de uns quinze metros um pouco de sua dinâmica. Observei pessoas, árvores, caminhos calçados entre as gramas, iluminação, um posto policial, um movimento pós missa na igreja de São Sebastião - padroeiro da cidade, situada ali na praça e ao entorno dela barracas de lanche que ficam abertas durante toda a madrugada, em todos os dias da semana.

Fiquei por pouco tempo observando, pois aproveitei-me apenas do momento de um cachorro-quente que comi numa das barracas no seu entorno.

Voltei dias depois, noites depois, bem verdade, e menos receosa saquei o celular para fotografar meio à espreita. A praça parecia se abrir para mim tanto quanto eu me abria para ela, e percebi outros movimentos, novos detalhes.

Mas não posso contar esse um pouco mais, antes de dizer sobre a minha surpresa ao *passar* pelo *google earth* pela João Pessoa. Vi tanto verde de cima que me conectei mais com ele na segunda volta que dei nela.

Pensei, será que debaixo, verei o que esse verde esconde? Mas não parecia ter mistérios na praça. Nem em quem a cruzava, nem nos taxistas sentados no ponto escuro. No máximo no curto movimento dos homens que passavam numa das laterais da igreja, mas nem era tanto.



O verde chamou-me atenção para o não humano e me peguei pensando na formação e nas muitas vidas existentes em cada folha, caule, galho, tronco, nas raízes que avançam por cima e entre as gramas e terras e naquelas mais fundas, que nada vemos. Dei-me conta então que as árvores mais altas são as que têm ao seu redor alguns bancos e caminhos elevados e calçados de um jeito que cortam as gramas, como numa brincadeira em que se abrem caminhos inusitados. Fiquei pensando na idade das árvores, imagino que muitíssimo mais velhas que a liga, as pedras, os cimentos que as cobriu em partes.

Vi alguns cachorros por ali, uns três ou quatro, e cada um deles acompanhados ou acompanhavam alguém. Era quase 23H e me impressionei que outras pessoas adentravam a praça, *cortando caminho* para o ponto de ônibus, para a farmácia, para o bar ainda aberto e pareceu-me que cada uma delas vinha do mesmo lugar que eu; a estação de trem de Suzano.

Logo de cara, eu não rodeei a praça como o garoto de uns catorze anos fazia com sua bicicleta que hora ou outra empinava na calçada. Eu cruzei a praça!

Certamente cruzei para não parecer uma estranha, cruzei também para encurtar o tempo de permanência nela, e para seguir um pouco dos movimentos e cruzos de outras pessoas, mas, sobretudo cruzei por estar cada vez mais comprometida com o estudo das encruzilhadas e por perceber que as praças e esta tem no seus arredores inúmeras encruzadas. Suzano tem um centro com quadras bastante "quadradas" e com ruas de apenas um sentido para os carros.

Entre na farmácia, como quem disfarça uma traquinagem ou investiga uma situação curiosa. Comprei qualquer coisa barata para observar da calçada e dessa vez atravesssei para andar na beirada da praça. Vi-me mais corajosa e boba também, pois realmente a praça não se esvaziava.

O garoto da bicicleta empinou-a ao vir em minha direção e fitou-me os olhos. Eu sentia naquele momento uma sensação de pertencer. Vi mais cachorros e observando a eles e ao movimento de pessoas por detrás da igreja, vi uma mulher e três homens que fumavam e conversavam sentados nas muretinhas dos jardins. Com eles alguns painéis de mostra de artesanatos e acessórios que chamamos de *hippie*. Gostei de perceber que aquele momento era o de encontro, prosa e desconcentração na praça que para alguns deles é o lugar de trabalho. Reconheci a moça que vende ali de dia.

Vi uns três casais heterossexuais. Um de adultos, dois de adolescentes. Todos eles em pontos de menos iluminação na praça. Achei bom lembrar de como é se sentir corajosa na cidade. Aproveitar-me de companhia para ficar mais tempo nos lugares.

Foi só com esse exercício de observar melhor para depois narrar que eu pela primeira vez observei na praça uma instalação artística. Uma grande árvore feita de galhos que foram coloridos de diversas cores. Achei estranho, mas bonito. Uma árvore feita de partes de outras já mortas, coloridas e alçadas de um jeito que faz pensar na vida.

E quando me vi olhando para cima, para a árvore de galhos coloridos, vi-me observada. Uma moça que reparava em meus movimentos, sorriu como se estivesse encontrando alguém que também se aproveitasse do tempo de invisibilidade para olhar mais de dentro a praça.

Achei que já era hora de ir. Já estava quase em frente a praça novamente e desta vez eu me aventurei mais, fui ao segundo ponto de ônibus. Cruzar e circundar a praça me trouxe mais ganas de caminhar à noite. Eu não era a única.

Praça da Piedade

A partir do mapa apresentado, entro neste percurso histórico-narrativo-contemporâneo sobre a praça da Piedade, de maneira endógena e exógena, fazendo um movimento espiralado e circular que me leva a observar os cantos e recantos da praça, este lugar remonta lembranças e memórias minhas e da minha terra.

Por certo, quem passa e/ou vive a praça, não tem noção e nem se dá conta de quanta história o espaço pode contar. A praça da Piedade é, em verdade, uma ilha verde pequenina no coração da cidade, em meio a um trânsito confuso e denso é um espaço rodeado por casarões e prédios de diferentes formas e tempos, onde hoje habitam espaços de poder e pontos comerciais convivendo com uma população aguerrida e sofrida que também nos ajudam a contar a história do lugar.

...É o povo de lá pedindo pra não sofrer. Nossa gente ilhada precisa sobreviver... Dessa forma, o local que abriga os elementos dor e beleza na cidade foi e é um espaço/palco de muitas lutas de manifestações populares e políticas em distintos momentos da história da cidade.

...A primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará... Antes à força matava os corpos negros, hoje a fome continua matando-os, esta virou a força dos corpos negros descendentes de outros tantos corpos nas cidades brasileiras. Enfim, olhar a praça e escutá-la é viver a história que *ainda se mantém*.

No percurso feito, busquei enfatizar a relação entre dispositivos, equipamentos urbanos e hospitalidade ou hostilidade urbana. É importante que compreendamos que a praça é um sujeito maior que observa e é observada e, que nela, palco de tantas lutas importantes no passado ainda revela novas lutas, assim, para Milan Kundera (1987, p.10) *a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento*.

Figura 6 - Praça da Piedade. Elaboração: "Os autores", 2023.



essa frase deste escritor tcheco guarda um ensinamento ético, este que evidencia a virtuosidade do ser humano e da memória sobre um poder opressor que ignora a subjetividade da existência buscando anular as identidades e pertencimentos através do esquecimento.

Para isso, minimamente realizei três observações em dias e horários diferentes, alternando faixas diurnas com faixas noturnas e, esta escolha me fez acompanhar a dinâmica e os usos da piedade em diferentes momentos. A praça é aberta pela manhã e permanece aberta até a noite quando é fechada. Curiosamente, nos dias em que fui percorrê-la, pude observar que em dois dias nos turnos da manhã e tarde ela se encontrava fechada e a população, sobretudo em situação de rua estava em seu entorno, dividindo espaço com comerciantes ambulantes, com outras tantas pessoas que passam, aguardam sua condução ou mesmo os mais velhos que ali vão se reencontrar.

Hoje, a praça muitas vezes vazia coloca a população em seu entorno, não mais dentro dela. A visibilidade da beleza que visualmente vê-se na praça busca incessantemente invisibilizar a dor e está dor, deve ser considerada a partir de uma categorização filosófica, ou melhor, conceituada como uma das tonalidades fundamentais da vida emotiva, neste caso, a dor de corpos populares que ainda hoje se perpetuam e expressam à sensação de (in)segurança de seus usuários e da população que circula no seu entorno.

Pude nos três dias em que fiz o percurso realizar três tipos de observações na/da praça, da seguinte forma:

Primeiro momento: me desloquei de um ponto de observação para outro e permaneci 15 minutos em cada.

No segundo, demorei mais tempo, aproximadamente 1 hora e 30 minutos, circulando na praça e, em cada ponto que parava para observar ficava aproximadamente 15 minutos também.



Figura 7 - Percurso feito na Praça da Piedade. Elaboração: "Os autores", 2023.

Por fim, no terceiro momento acompanhei os usuários do espaço para compreender as dinâmicas e caminhos que os mesmos faziam.

Fazer esses movimentos de observação em meu percurso me auxiliou no entendimento de que a praça mesmo sendo um espaço desqualificado está intimamente ligada ao imaginário urbano que foi construído sobre esse lugar da cidade, compreendi também que mesmo perante o discurso de espaço desqualificado, a praça da piedade é um espaço plural, acredito que em outros estados brasileiros também o seja.

Praça da Sé

Fazer esses movimentos de observação em meu percurso me auxiliou no entendimento de que a praça mesmo sendo um espaço desqualificado está intimamente ligada ao imaginário urbano que foi construído sobre esse lugar da cidade, compreendi também que mesmo perante o discurso de espaço desqualificado, a praça da piedade é um espaço plural, acredito que em outros estados brasileiros também o seja.

Ao sair pela escadaria e acessar o platô da Praça, se encontra a Catedral da Sé que cede sua imagem como um ícone do lugar.

Virando os olhos para a esplanada frontal à Catedral, encontra-se um corredor de Palmeiras que força a um percurso até a porção norte da praça. Este corredor envolve o marco zero da Cidade de São Paulo, que indica ao visitante a direção de várias cidades de outros Estados, como se ele pudesse, ao caminhar, chegar à cidade escolhida.

O que mais chama atenção neste percurso não foram os elementos não humanos da praça, como o marco zero e as palmeiras enfileiradas, mas sim outra fila, que demonstra a fragilidade que a metrópole impõe a alguns de seus habitantes, jogando-os à margem do perverso jogo do capital.



A fila que acumula mentes e corpos em pé, é de uma organização gentil, onde não há a intenção de passar à frente dos outros. Em busca de alimento as pessoas aguardam sua vez de receber uma marmita de isopor. Uma das instituições que distribui o alimento traz consigo o viés religioso percebido pelas camisetas com imagens e dizeres. Parece até uma troca, onde ao aceitar o alimento, leva-se também a crença.

A presença do agente institucional religioso, transforma a boa ação em pescaria de almas, e ao mesmo tempo tranquiliza temporariamente a fome do *outro*, que se torna um nômade por imposição, e cria uma centralidade no território da praça com o adensamento de uma pequena porção deste lugar

A fila chama atenção por outro motivo, pois a princípio se imagina que quem busca alimento é alguém em situação de rua, porém não é possível fazer esta afirmação. Esta dúvida demonstra a estigmatização de como as pessoas em situação de rua deveriam se apresentar, na forma de vestir, na condição estética dos cabelos e na precariedade da higiene pessoal. A pergunta que fica é: quem exatamente faz a parte desta fila? A resposta talvez não importe, pois fica claro que este grupo poderia ser classificado como vulnerável, já que está em busca de algo básico à sobrevivência.

Em volta da esplanada, encontram-se muretas das jardineiras que servem como banco para que as pessoas possam se alimentar. Este elemento da Praça ainda não foi negado ao uso comum com a inclusão de barreiras ou arquitetura hostil. Se vê várias pessoas se alimentando e algumas delas ao terminar, lançam ao chão o recipiente da marmita com restante que excedia a sua fome. A presença de um cachorro que se aproveita do que não foi consumido, denota um certo comensalismo nesta relação humano e não humano.

Continuando o percurso, há um pequeno grupo que se junta para ouvir um Pastor, que aos berros critica a presença da igreja católica como geradora dos pecados do mundo. Ao observador parecia uma forma de tentar resgatar devotos para sua crença em busca do aumento de seu rebanho, porém a intenção do Pastor não é clara, nem

explícita. Ele procura atender seu anseio espiritual ou monetário dizimista?

Logo depois, está a estátua de quem começou com a busca por devotos em nossas terras. A imagem de Padre José de Anchieta, que se relacionou com os povos originários, está na Praça em companhia de um homem deitado aos seus pés.

Para resguardar a história disseminada do *Padre que falava com os indígenas*. Uma viatura da Polícia da Guarda Civil Metropolitana (GCM) se faz presente.

No extremo norte da praça o que se vê é a cerca invisível do trânsito de carros e ônibus.

Outra representação do Estado aplicado ao território da praça, está em um automóvel identificado como *apoio à remoção*, com vários homens de colete laranja à sua volta. A palavra remoção chama a atenção, pois o que será removido? Uma instituição não humana removendo mais que humanos que resistem em condições precárias?

Na sequência do percurso se encontra o acesso à estação Sé do metrô, por escadas rolantes. Este acesso gera um fluxo contínuo do grupo de pessoas que não usam a praça como local de permanência, nem de sociabilidade, mas como uma passagem obrigatória para acessar o ponto central de mobilidade subterrânea.

Aos passantes, é garantido o percurso rápido direto ao ponto de mobilidade central, com o apoio do agente de público que controla a praça, e que também protege os edifícios institucionais, e com sua presença em pequenos grupos de poder, utiliza aparatos técnicos, que definem onde, quem e quando a praça pode ser um espaço quase público.

Logo após ao acesso, o Estado se faz presente mais uma vez, em seus furgões super equipados com câmeras que vigiam tudo, junto com policiais em alerta. No utilitário se vê a inscrição *Crack é possível vencer*, como uma frase de estímulo publicitário. A presença neste ponto, parece regular o acesso ao metrô, definindo quem está apto a usar tal mobilidade.

Ao lado se encontra um grande vazio, apenas um homem sentado na escadaria no meio da Praça que se apresenta com contenções através de gradis móveis e barreiras de concreto, que delimitam o percurso e impedem o contato de humanos com não humanos, separando a parte natural da praça.

No centro da praça, onde há uma claraboia que leva luz natural para as plataformas do metrô, um espelho d'água não reflete mais o céu, pois possui apenas uma lama escura, provavelmente feita de um pouco de água com muitos sólidos suspensos no ar da poluição da metrópole. A lama é contemplada com lixo plástico, latas e resíduos sólidos da construção civil.

A passarela sobre o espelho d'água está solitária e não há a presença humana, mostrando a eficiência do alcance do poder do Estado para garantir a ordem do vazio.

De forma inusitada neste percurso, se reúne um grupo denominado *Igreja sem teto*, o que em um primeiro olhar deixa a dúvida se está se referindo às pessoas em situação de rua, ou se realmente este grupo religioso não tem seu lugar físico. Com bandeiras do Brasil e coletes verde e amarelos, sugere misturar a religião com política, em sua representação e figura, como se a religiosidade só servisse aos que compartilham das mesmas crenças de um mundo plano. Por sorte, há poucos ouvintes que se distribuem na escadaria que vence o desnível da praça. Esta observação, de forma consciente, traz preconceito de quem ainda não venceu o trauma da política recente.



Mais uma vez o vazio se impõe à praça, talvez de forma momentânea, na temporalidade congelada desta fotografia, mas ao fundo se vê motocicletas da Polícia, o que pode repelir a permanência.

A presença do Estado, se dá também, na forma de zeladoria, com a limpeza das calçadas e caminhos da praça, mas a grande imputação de sua presença está nos edifícios institucionais à sua volta, onde o vazio organizador se torna intenso. O Corpo de Bombeiros, e principalmente o Palácio da Justiça emana seu poder para dentro da praça de forma invisível, ou não. Policiais em vigia e placas alertando que ali é uma *Área de segurança*, deixam claro que um poder reina neste lugar, e que não será maculado por nenhum humano.

(Des)encontros (in)esperados: dialogando com os autores

O ato de caminhar pelas praças surge como proposta de se educar a partir do desconhecido, como na lógica do dédalo de Ingold (2015), onde aprenderíamos sem saber o que nos esperava.

Estes encontros e desencontros demonstram que a praça parece um jogo de ocupações onde cada metro quadrado é disputado, de tal forma, que o caminhante fechado na rotina, não alcança a dimensão das dinâmicas do *jogo de ocupar*.

Para entender este jogo, utilizamos o *jogo de caminhar* inspirado por Careri (2013) que busca dentro da cidade sedentária uma cidade nômade. Neste caminhar se encontra o *outro urbano* que enfrentamos conflitos legitimando na esfera pública a luta pelo espaço público.

Cada uma das reuniões e trocas tanto de cunho mais objetivo ao mais subjetivo, tiveram fundamental importância para a construção da pesquisa que ora apresentamos, assumindo que não há neutralidade em pesquisa científica e que nossa escolha pelo

desenho de pesquisa qualitativa compreende que a visão do grupo e percepções acerca das experiências são também consideradas.

É inegável que uma praça seja um espaço público, neste sentido, este trabalho procurava entender a dinâmica que se apresentava na ocupação de espaço aberto a vários atores.

Ao elencar a Praça como objeto de estudo a ser cartografado, ficou em suspenso o objetivo final desta cartografia. Após discussões enevoadas do que era procurado na Praça, somente após o ímpeto de observá-la, foi possível entender o que procurar utilizando como método um percurso narrativo. Dessa iniciativa de conhecer o espaço da praça, percorrê-la e depois, criar a narrativa que parecia legítima pelo olhar do observador, que o trabalho ganhou impulso para sua formatação.

Foi do encontro entre a prática e a teoria, entre o estar em campo e o inventar mundos conceituais (RENA et al., 2016), como descrito na Revista Indisciplinar sobre o trabalho de Virgínia Kastrup, que este trabalho se consolidou como um processo de experimentação. Esta prática experimental colocou à prova as invenções ou ficções dos participantes (KASTRUP e BARROS, 2009), que ao iniciar os percursos nas praças carregavam consigo uma predisposição narrativa. São nossas cartografias dando língua para afetos e atendo-se às linguagens dos encontros (ROLNIK, 1989).

Tais considerações acerca das escolhas metodológicas apontam também para nossa preocupação e respeito com quem lê este texto. A pesquisa narrativa que traz nossas vozes, que as elevam, podem ser tomadas aqui como as vozes que conversam com outras tantas. Não somos portadores e portadoras, somos pessoas que observam e também são observadas pelas cidades e pelas praças; sujeitas ao nosso estudo.

O trabalho sobre a praça oportuniza horizontalidade, ao mesmo tempo em que causa uma outra sensação subjetiva do espaço. Assim, é também um convite aos participantes cartógrafos sociais a ocupar um espaço novo que não experimentam desde a infância.

Inicialmente nossa discussão era sobre *o que vamos fazer agora?* Desta forma, a realização do percurso implica em um processo de intercâmbio de informações territoriais que constitui um dos elementos mais ricos da Cartografia Social, por um lado, a memória territorial e o território vivido e, por outro, o território argumentado, narrado e observado.

Ao escolhermos as praças como nossas sujeitas a serem observadas demo-nos o presente de primeiro colocarmo-nos como *flâneur* em nossas próprias cidades, ao caminhar entre as massas trabalhadoras, anônimas, atarefadas subvertendo a multidão, a velocidade, o atarefamento e o consumo, escondendo-nos no anonimato. (GROS, 2021).

Os percursos vieram cada um ao seu modo e possibilidade, considerando algumas alternativas, como vimos relatando nesse texto, a respeito de para onde olhar, o que olhar, como olhar e como traduzir o que olhamos e vimos; as praças, as vidas, os fixos, os fluxos e fricções (FREIRE-MEDEIROS et al., 2020).

Como observadores diferentes em locais diferentes, a proposta foi que cada um estivesse livre para contar a história do que viu e criar sua própria narrativa, tanto na forma escrita como estética da análise final. Esta observação, não seria uma atitude meramente descritiva ou neutra do pesquisador a partir da dissolução do seu ponto de vista (PASSOS e EIRADO, 2009), mas carregada de viés da carga cultural e emocional de cada um. Assim como aponta Rolnik (1989) o cartógrafo está sempre na busca por

elementos/alimentos para compor suas cartografias.

A preocupação não era isolar o objeto de estudo do seu contexto, mas entender quais dinâmicas aconteciam nas Praças e como seria possível contar estas histórias, lembrando a indicação de Kastrup de que a cartografia desenha a rede de forças a qual o objeto está conectado. (KASTRUP e BARROS, 2009).

Com isto, foi possível após a criação dos percursos, suas narrativas e análises, levantar o que de comum se apresentava, mesmo em olhares tão diferentes. E, afetando de forma diversa e não num sentido único, lembrando Ailton Krenak que, definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações (2020).

Focando o olhar em uma Praça mais que humana que cria dinâmicas de poder, na ocupação, lazer e passagem. A partir da relação entre os sujeitos, sejam eles seres vivos ou não vivos, como no Feral Atlas (TSING, 2021), encontrou-se a conexão em prol do projeto de controle.

Seja humano ou não humano, estes sujeitos sofrem pressão através de aparatos técnicos que definem a partir da escolha humana e do sistema social e econômico, quem e quando controlar. Mostrando que a utilização de um dispositivo usado para resolver problemas de relações de uma comunidade contém propriedades políticas. (WINNER, 1986). Estes dispositivos físicos podem ser as cancelas, elementos de concreto, gradis entre outros, e trazem consigo a intenção do controle de quem pode ultrapassá-los, em que direção e que momento pode se usar o espaço público da praça.

A presença do Estado, se dá também, na forma de zeladoria, com a limpeza das calçadas e caminhos da praça, mas a grande imputação de sua presença está nos edifícios institucionais à sua volta, onde o vazio organizador se torna intenso. O Corpo de Bombeiros, e principalmente o Palácio da Justiça emana seu poder para dentro da praça de forma invisível, ou não. Policiais em vigia e placas alertando que ali é uma *Área de segurança*, deixam claro que um poder reina neste lugar, e que não será maculado por nenhum humano.

Além deles, as instituições sempre estão presentes nas praças estudadas, e também influenciam, ora mais, ora menos, a ocupação do espaço que se define no uso pela permanência ou passagem, a depender do status quo do cidadão. As instituições, apesar de não humanas, usam o humano como ferramenta para se impor.

O controle é visivelmente aparente desde a concepção da praça, que não considera o não humano natural existente, mas o esquadrinha em um paisagismo cenográfico, para ditar os caminhos a percorrer, e onde os humanos terão abrigo à sombra e a entrega do conforto ambiental e estético pela sua presença. São não humanos a serviço dos humanos na condução do controle.

Além disso, surge um conflito de ocupação espacial entre os próprios seres humanos, quando não consideramos as pessoas em situação de rua que utilizam as praças como abrigo, sendo marginalizadas por aqueles que administram esse sistema de controle. Os indivíduos empobrecidos são percebidos como intrusos nos espaços urbanos, e sua exclusão é legitimada pela informalidade (NARAYANAN, 2017).

A ocupação das praças por pessoas em situação de rua frequentemente reflete uma resistência silenciosa contra as adversidades da vida urbana. É uma maneira de afirmar a própria existência, mesmo diante da invisibilidade social e da escassez de recursos.

No caso das praças, a ocupação de resistência, também parece uma resposta às falhas de um sistema social que exclui populações, que cria identidade histórica do lugar como centro de resistência, que apresenta a tensão da ocupação humana sobre o direito natural de não-humanos ou que simplesmente serve como espaço de convivência hedônica.

A resistência, ora escancara o flagelo indicando a urgência de soluções para o problema que o sistema gerou, ora indica que precisamos do espaço da praça para lazer e convivência, e deve ser ocupado como espaço público que é, e assim manter-se público.

Tal fenômeno pode ser compreendido por meio da lente da sociologia das ausências e das emergências proposta por Boaventura de Souza Santos (2002).

A sociologia das ausências destaca vozes negligenciadas e marginalizadas na construção do conhecimento social. No caso das praças, a presença de pessoas em situação de rua evidencia uma ausência sistemática de políticas inclusivas e estruturas sociais que atendam às necessidades desses indivíduos. As praças tornam-se, assim, espaços onde as ausências sociais são manifestadas de maneira visível, clamando por uma análise crítica das lacunas em nossas estruturas sociais.

Por outro lado, a sociologia das emergências de Souza Santos (2002), nos instiga a reconhecer as crises sociais como oportunidades de transformação e resistência. As ocupações de praças por movimentos sociais, representam uma resposta emergente às desigualdades estruturais, reivindicando visibilidade e justiça. Esses espaços tornam-se arenas de expressão para demandas urgentes por mudanças sociais significativas.

A presença simultânea de pessoas em situação de rua e movimentos sociais de resistência nas praças reflete a interseção complexa entre as ausências e emergências sociais. Enquanto as ausências revelam as falhas em nossas estruturas sociais, as emergências apontam para a necessidade de ação imediata e transformadora.

Tecendo considerações

O estudo desenvolvido com método cartográfico, mostrou não só a prática de um processo que trouxe resultados inesperados, mas a partir da análise dos dados e narrativas construídas pelos observadores e seus cruzamentos, a principal conclusão foi de que o controle é um aspecto claro na visão mais-que-humana das praças.

Esse aspecto de controle nos diferentes modos de ocupação dos agentes, está ligado nas várias dinâmicas que acontecem diariamente neste espaço público que num primeiro olhar antropológico, parece ser só um espaço de sociabilização.

A escolha dos participantes observadores, a princípio, foi alinhar a tipologia das praças, buscando desenvolver suas narrativas sempre a partir das praças centrais das cidades onde residem, onde haveria uma utilização e presença intensa de vários atores sejam humanos ou não humanos. Esta escolha partiu da conscientização de que as praças possuem características diferentes que definem seus usos, como a localização, o entorno, o relevo, a paisagem, a quantidade de vegetação e equipamentos de lazer.

O resultado desta prática mostrou que o controle como ponto central, vem da utilização de aspectos mais que humanos que definem como a praça pode ser utilizada. Esses aspectos estão presentes na definição dos percursos da praça a partir dos pequenos canteiros com vegetação, em espelhos d'água, em massas arbóreas que sombreiam

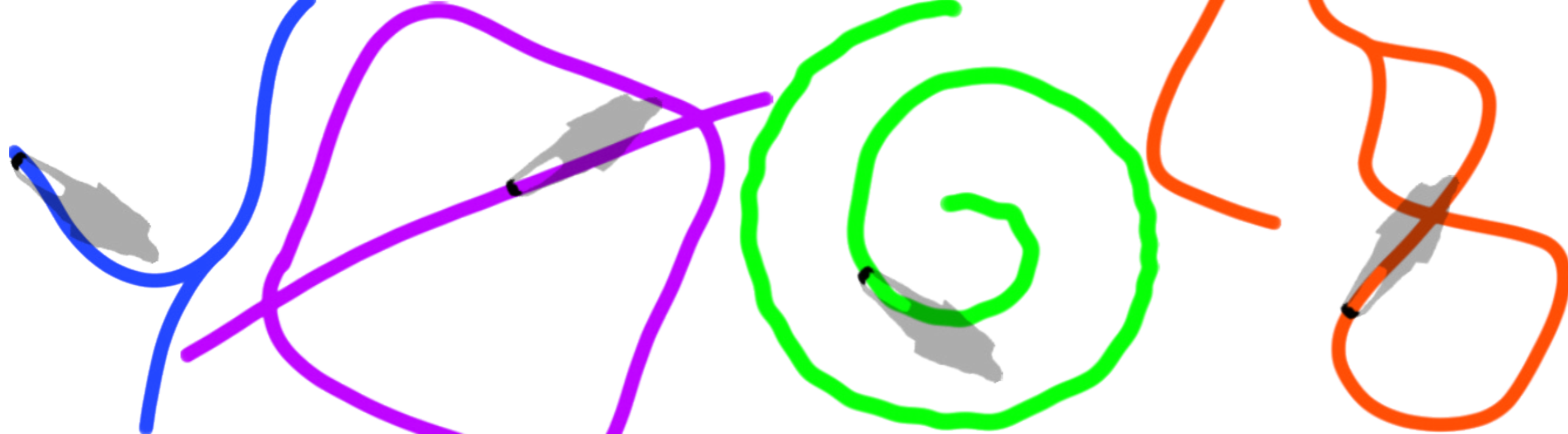


Figura 10 - Observadores e seus percursos.
Elaboração: "Os autores", 2023.

áreas de permanência. Os aparatos técnicos contribuem no controle de quem pode ocupar a praça, com o fechamento perimetral com gradil fixo que define quando e por onde os usuários podem acessar o espaço público, mas também os gradis móveis utilizados em eventos proíbem as pessoas em situação de rua de ocupar o espaço. Outros aparatos, como bancos, controlam onde deve ser o lugar de descanso e alguns de forma dissimulada são revestidos com pedras que ao absorver o calor do dia impede sua utilização.

No caso das instituições, a polícia é a que mais está presente nas praças, porém em alguns casos não como uma presença inerte acionada por demanda, mas com objetivo claro de controlar fluxos, percursos e acesso de quem pode utilizar as praças. Outras instituições como as religiosas ou culturais também apresentam sua influência nas praças.

A relação entre os mundos mais-que-humanos, a ocupação de praças públicas brasileiras por pessoas em situação de rua e movimentos sociais de luta e resistência é uma teia complexa que pode ser desdobrada pelos olhares de Francesco Careri, Tim Ingold, Chimamanda Ngozi Adichie e Kabengele Munanga.

Através do olhar de Careri, podemos destacar o caminhar como prática artística, enxergando nas praças não apenas espaços urbanos, mas cenários onde as histórias dos mundos mais-que-humanos se desdobram. A ocupação desses lugares por pessoas em situação de rua e movimentos sociais torna-se uma forma de expressão artística coletiva, onde não apenas os humanos, mas também os elementos urbanos, natureza e arquitetura, desempenham papéis fundamentais.

Por sua vez, Ingold, nos convida a pensar nas praças como lugares onde os fios da vida se entrelaçam. Ao observar a ocupação por pessoas em situação de rua e movimentos sociais, destaca-se a construção contínua de relações e atividades, formando uma teia dinâmica que conecta humanos e não humanos. A relação com o ambiente, seja ele construído ou natural, desempenha um papel crucial nessa rede de interações.

Aperspectiva literária e cultural de Chimamanda Ngozi Adichie, acrescenta uma dimensão narrativa à ocupação das praças. Os mundos mais-que-humanos são entrelaçados com as histórias individuais de pessoas em situação de rua, suas experiências únicas que desafiam estereótipos e ressoam como narrativas de resistência. As praças, nesse contexto, se tornam espaços onde as diferentes histórias convergem.

E com Munanga, trazemos o foco para as questões raciais e sociais, destacando a interseccionalidade na ocupação das praças. Ao considerar as lutas sociais e a presença de pessoas em situação de rua, a partir de Munanga lembramos que a teia de interações incluem dimensões raciais, classistas e de outras formas de discriminação. As praças são palcos onde essas interseções se tornam visíveis e desafiam as estruturas opressivas.

Assim, a ocupação de praças públicas brasileiras, em especial, a Praça da Piedade em Salvador/BA; a Praça da Sé em São Paulo/SP; a Praça Costa Pereira em Vitória/ES e a Praça João Pessoa em Suzano/SP, se revelam como um fenômeno intrincado, onde os mundos mais-que-humanos, as experiências de pessoas em situação de rua e os movimentos sociais entrelaçam-se, formando uma complexa tapeçaria de interações que transcende as fronteiras humanas e destaca a necessidade de uma análise mais holística e inclusiva.

Referências

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- CARERI, F. *Walkscapes. O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- FONSECA, T; KIRST, P. *Cartografia e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- FREIRE-MEDEIROS B; PIATTI LAGES, M. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [online], 123, 2020.
- GROS, F. *Caminhar, uma filosofia; tradução Célia Euvaldo/ Título original: Marcher, une philosophie*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- GRUPO SENSÇÃO. *Música OYÁ (Canto de Oração)*. Intérpretes: Pércles e Grupo Sensação. Composição de Carica e Prateado. Warner/Chappell Edicoes Musicais Ltda, 2013.

INGOLD, T. (2015). O Dédalo e o Labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez.

KASTRUP, V; BARROS, L.P. Pista 3 - Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LISPECTOR, Clarice. Um grama de radium - Mineirinho (Trecho de texto). *Revista Senhor*, 1962.

MUNANGA, K. *Negritude: Usos e Sentidos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004.

NAVARRO, L. J. Deambulações narrativas de Francesco Careri na construção estética do espaço. *Revista Vitruvius*, São Paulo, mai. 2015.

NARAYANAN, Y. Street dogs at the intersection of colonialism and informality: subaltern animism as a posthuman critique of Indian cities. *Environment and Planning D: Society and Space* 35(3): 475-494.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Pista 6 - Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

RENA, N. et. al. Cartografia enquanto método de investigação: uma conversa com Virgínia Kastrup. *Revista Indisciplinar*, v.2, n.2, p.17-30, dez.2016.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 63, 2002. p. 237-280.

STEEL, W. WIESEL, I. MALLER, C. More-than human cities: where the wild things are. In: *Geoforum Special Issue*. Volume 106, November 2019, pages 411-415.

TITTONI, J.; TIETBOEHL, I. K. Política na rua: subjetivação, resistência e ocupação dos espaços públicos. *Psicologia & sociedade*, v. 32, p. E166538, 2020.

TSING, A.L. O Antropoceno mais que humano. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

WINNER, L. “Artefatos têm política?”. *Analytica*, Rio de Janeiro, vol 21 no 2, 2017, p.195-218.

WOLCH, J. Zoopolis, in Wolch, J and Emel, j (eds), *Animal geographies: place, politics and identify in the nature-culture borderlands*. Verso: London. 1998.